

# A transformação de si a partir da narração de histórias de vida

Self-transformation through narratives of live stories

MARIE-CHRISTINE JOSSO\*



**RESUMO** – As narrações centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto. Um trabalho transformador de si, ligado à narração das histórias de vida e a partir delas, torna-se indispensável a uma Educação Continuada digna desse nome.

**Descritores** – Formação e transformação; existencialidade; narração de histórias de vida; construção da identidade (identidade evolutiva); invenção de si.

**ABSTRACT** – Life-long narratives that are centered on self-formation reveal multiple forms and meanings of singular-plural existentiality, which is also creative and innovative in acting and living together. This is a self-transforming work, which is connected to the narrative of life stories and which, from them, becomes fundamental in a process of continuous education that stands up to this title.

**Key words** – Formation and transformation; existentiality; narratives of life stories; identity construction (evolutive identity); self-invention.



Um trabalho *transformador* de si, ligado à narração das histórias de vida e a partir delas, tornou-se indispensável a uma Educação Continuada, digna desse nome. As narrações centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto.

---

\* Socióloga. Antropóloga e doutora em Ciências da Educação. Professora da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Genebra, maio 2007. Tradução de Maria do Carmo Monteiro Pagano. *E-mail*: [Marie-Christine.Josso@pse.unige.ch](mailto:Marie-Christine.Josso@pse.unige.ch)  
*Artigo recebido em: junho/2007. Aprovado em: agosto/2007.*

Os lugares educativos, sejam eles orientados para uma perspectiva de desenvolvimento pessoal, cultural, de desenvolvimento de competências sociais ou ainda para uma perspectiva de formação profissional, acolhem pessoas cujas expectativas e motivações a respeito da formação e dos diplomas referem-se, tanto a problemáticas de *posicionamento* na sua vida cotidiana e na sua *ação* em nossas sociedades em plena mutação, como às questões e problemáticas ligadas à *compreensão* da natureza dessas próprias mutações.

É por isso que todo projeto de formação cruza, à sua maneira e nas palavras de seu autor, com a temática da existencialidade associada à questão subsequente da identidade (identidade para si, identidade para os outros). Um dispositivo de formação que, por pouco que seja, integre a reflexão sobre esse projeto, a partir, por exemplo, de uma análise de histórias de vida dos aprendentes, pode, desse modo, ver aflorar e penetrar nas preocupações existenciais dos aprendentes adultos. Assim, a questão do sentido da formação, vista através do projeto de formação, apresenta-se como uma voz de acesso às questões de sentido que hoje permeiam os atores sociais, seja no exercício de sua profissão – eles se assumem como porta-vozes dos problemas dos grupos sociais com os quais operam –, seja nas vivências questionadas e questionadoras de sua própria vida.

No centro das preocupações se aloja, mais ou menos explicitamente expressa, a questão da identidade, sob a forma de temáticas como a da solidariedade numa sociedade que multiplica as formas de exclusão, a das pertencas ou das estratégias profissionais ligadas à estabilidade no emprego, a das transformações subsequentes ao desaparecimento de setores de atividade ou às restrições orçamentárias, a dos meios de defesa e de reivindicação, por exemplo, a da maneira pela qual o círculo de relações e as mídias levam em consideração ou não feridas psíquicas e somáticas geradas por tantas incertezas, de perdas econômicas e de dignidade.

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades expressadas são confrontadas à sua freqüente inadequação a uma compreensão liberadora de criatividade em nossos contextos em mutação. O trabalho sobre essa subjetividade singular

#### **Educação**

e plural torna-se uma das prioridades da formação em geral e do trabalho de narração das histórias de vida em particular.

Os cursos de formação nos quais se engajaram os adultos mais ou menos jovens apresentam-se então investidos de *outras implicações, diferentes daquelas inicialmente enunciadas em termos de discurso convencional, veiculadas pela mídia ou nas representações comumente partilhadas*, a saber: inscrição em um curso visando aquisição de novas competências sociais e profissionais.

A colocação em comum de questões, preocupações e inquietações, explicitadas graças ao trabalho individual e coletivo sobre a narração de cada participante, permite que as pessoas em formação saiam do isolamento e comecem a refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedades que estão por descobrir ou inventar. As crenças de cada um e de cada uma sobre as potencialidades do humano desempenham aqui um papel maior. E será facilmente compreensível a importância de trabalhá-las explicitamente se pretendemos contribuir para mudanças sérias no fazer e no pensar de nossa humanidade.

A função social dessas formações iniciais e continuadas (grande número de profissionais não são formados em universidades; nesse caso falamos de formação inicial e continuada porque ela prolonga formações anteriores em outras instituições ou cursos) conhece, assim, uma sensível evolução: de um lugar de geração, aprofundamento ou desenvolvimento de competências diversas, como eram na origem, transformam-se progressivamente em lugar de nova socialização, de reformulação dos laços sociais, de redefinição de projetos de vida, portanto, de redefinição do que é compreendido por muitos como *uma identidade evolutiva*, graças ao fato de levarem em consideração a perspectiva existencial através da qual a vida em suas dimensões psicossomáticas e socioculturais toma forma, se deforma, se transforma, e, dessa maneira, impõe a criação ou recriação de sentido para si – mais ou menos possível de partilhar com outros – e de novas formas de existência e de subsistência.

Trabalhar as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida. Às constatações que questionam a representação convencional de uma identidade, que se poderia definir num dado momento graças à sua estabilidade conquistada, e que se desconstruiria pelo jogo dos deslocamentos sociais, pela evolução dos valores de referência e das referências socioculturais, junta-se *a tomada de consciência de que a questão da identidade deve ser concebida como processo*

#### **Educação**

*permanente de identificação ou de diferenciação, de definição de si mesmo, através da nossa identidade evolutiva, um dos sinais emergentes de fatores socioculturais visíveis da existencialidade.* É por essa razão que essas identidades num constante vir-a-ser, manifestação de nossas existencialidades em movimento, são em certos períodos históricos mais fortemente atingidas pelos efeitos desestruturadores de mudanças sociais, econômicas e/ou políticas. Nós vivemos na Europa e em muitas outras regiões do mundo esse tempo de recomposição de nossas identidades porque nossas existências são fragilizadas e atingidas no cotidiano por efeitos de mundialização do mercado (deslocamento de empresas, novas economias massivamente emergentes – China, Índia, Brasil, etc. – novas formas de pobreza, novos problemas sanitários, modificações climáticas ligadas aos poluentes tradicionais em crescimento exponencial.).

Uma outra constatação importante, efetuada pela mediação da pesquisa com histórias de vida, evidencia a exigência metodológica de pensar as facetas existenciais da identidade através de uma abordagem multi-referencial que integra os diferentes registros do pensar humano (as crenças científicas, crenças religiosas, esotéricas), assim como as diferentes dimensões de nosso ser no mundo. Se abordamos a vida das pessoas na globalidade de sua história, as variações dos registros nos quais elas se exprimem, e as múltiplas facetas que elas evocam de seu percurso, é realmente difícil não tomar consciência das sinergias positivas ou negativas entre as dimensões psicossomáticas, psicológicas, sociológicas, antropológicas, sociohistóricas, espirituais, por exemplo, que intervêm na expressão evolutiva da existencialidade e, assim, da identidade.

As situações educativas são, desse ponto de vista, um lugar e um tempo em que o sentido das situações e acontecimentos pessoais, sociais e profissionais pode ser tratado em diferentes registros, a fim de facilitar uma visão de conjunto, de aumento da capacidade de intervenção pertinente na própria existência e de otimizar as transações entre os atores mobilizados pela situação do momento.

Saiba o leitor que este texto completa uma reflexão aprofundada que foi publicada em meu livro *Cheminer vers soi* (1990, 1997) na primeira parte intitulada “Comment penser la formation?” (Como pensar a formação?). Nos desdobramentos que seguem será apresentada uma síntese dos eixos principais dessa reflexão, acrescida das pesquisas efetuadas depois e reunidas em minhas obras *Experiências de vida e formação* (2002 e 2004), centradas na concepção experiencial da formação em geral e em particular na sua dimensão existencial. Como veremos, essa concepção coloca numa outra perspectiva a questão da construção identitária tal como é tradicio-

#### **Educação**

nalmente abordada pelas ciências do humano<sup>1</sup>. A concepção experiencial da formação de si em todas as suas facetas, dimensões, registros tem, certamente, articulações importantes com o conceito tradicional de identidade mas ela nos parece muito mais rica que ele porque completa as categorias tradicionais das ciências do humano, dando lugar às vivências refletidas e conscientizadas, integrando assim as dimensões de nosso ser no mundo, nossos registros de expressões, nossas competências genéricas transversais e nossas posições existenciais.

A sociologia e a antropologia apresentaram-nos um conjunto de descrições da maneira pela qual um grupo social, de maior ou menor amplitude, garante sua continuidade e sua sobrevivência. Assim, elas construíram conceitos de socialização e de aculturação para designar as modalidades de conformação às normas (a seguir conformização) e de adaptação dos indivíduos às atividades materiais e simbólicas que caracterizam as interdependências dinâmicas entre as individualidades e os grupos socio-culturais. O conceito de educação permitiu reagrupar o conjunto das modalidades formais (instituições escolares e organismos de formação) e informais (mídia, família e meio ambiente) dessa transmissão.

Essas duas disciplinas constituíram o ângulo de observação da maneira pela qual os indivíduos são modelados, através de um conjunto de obrigações e de solicitações que os ajudarão a ter lugar numa funcionalidade social e cultural. A abordagem mais precisa e mais elaborada dessas modalidades de conformização nos é dada por Berger e Luckmann (1986) numa obra destinada a *La construction sociale de la réalité (A construção social da realidade)*, particularmente nos capítulos dedicados à “sociedade como realidade subjetiva”. Salvo essa exceção, observa-se que o conjunto dos trabalhos que tratam explícita ou implicitamente da construção da identidade abordam esta última pelo viés de critérios de rotulação que definem status, papéis e posições numa estrutura social e dos comportamentos individuais que lhes correspondem. A identidade individual é, pois, definida a partir de características sociais, culturais, políticas, econômicas, religiosas, em termos de reprodução sociofamiliar e socioeducativa. *Mas a questão de compreender a variabilidade no interior desses modelos jamais é abordada e, menos abordada ainda, a maneira pela qual as individualidades vivem do interior esses status, essas rotulações diversas e esses comportamentos conformistas. Nesse tipo de análise, a existencialidade é totalmente ignorada em sua mobilidade e vitalidade, assim como as potencialidades de uma invenção de si, em ruptura e ao mesmo tempo em ligação com o contexto socio-histórico, as heranças socioculturais do fazer, do pensar, do sentir, do agir, do comunicar, etc..*

#### **Educação**

Esses modelos funcionalistas e estruturo-marxistas permitiram evidenciar os conceitos de classe, de papel e de normas culturais e sociais interiorizados como fundamento da construção da identidade e a fonte de um sentimento de existência. Mas, ao mesmo tempo, tais abordagens vêm economizar o trabalho de compreensão do processo como tal; *ou seja, a economia da maneira como as individualidades participam mais ou menos ativamente dessa socialização e aculturação por um lado e, por outro lado, da maneira pela qual a existência das pessoas está habitada por essas categorizações sociais, mais ou menos positivamente (auto estima, necessidade de reconhecimento, etc.)*. Além disso, esses conceitos não dão conta de como, nas sociedades em mutações estruturais como as que conhecemos a partir do fim dos anos 60, as individualidades se arranjam para reorganizar suas pertencas e seus comportamentos, seus valores e seus posicionamentos sociais e culturais, sua maneira de pensar o mundo e o humano. *Ou seja, como a existencia-lidade se vive na evolutividade, segundo um processo mais ou menos estimulante e/ou ansiogênico*.

A psicologia, de sua parte, trouxe-nos um conjunto de descrições relativas à dimensão psíquica consciente e inconsciente do indivíduo e sua dinâmica, assim como às mudanças que o afetam ou podem afetá-lo abruptamente (ex. a psicologia do sobrevivente). A questão da identidade é abordada pelo viés da imagem de si mesmo e, de uma maneira mais indireta, pelos componentes de um Eu, variáveis segundo as escolas. As abordagens experimentais e clínicas resultam também em “carteiras de identidade” (chega-se até a empregar o termo “personalidade de base”, *pattern* de comportamentos), que servem de base à construção de um conjunto de testes que instrumentalizam as avaliações psicológicas e as atividades de orientação, avaliações escolares e profissionais (do QI aos testes de projeção). O construtivismo piagetiano é uma exceção, ao explorar o processo de construção partindo dos esquemas e operações sensório-motores da inteligência até a inteligência conceitual, pondo em evidência um processo universal de assimilação e de acomodação que permite compreender em parte o trabalho do sujeito conhecente nessa construção.

As abordagens desenvolvidas no campo da psicopatologia médica constroem igualmente quadros clínicos e sintomatológicos que permitem uma rotulação das individualidades cujos comportamentos perturbam as regras de transações e inter-relações, ao ponto de serem perigosas para elas mesmas e para outrem. Alguns pesquisadores como Freud, Jung ou Laing e seus sucessores, abordando a dinâmica afetiva da vida psíquica não-

#### **Educação**

consciente, introduzem uma dimensão outra do humano, que oferece a compreensão das articulações dessa vida psíquica com o social e o cultural pelo viés de uma dinâmica do desejo organizador e orientador dos investimentos e engajamentos das individualidades, ou seja, de uma forma de intencionalidade do sujeito.

A variabilidade e a singularidade das pessoas no plano psíquico, contrapostas aos modelos oferecidos pelas ciências sociais, criam um campo de liberdade possível na formação da identidade psico-sociocultural. Os mais recentes trabalhos de abordagens bio-cognitivas vêm corroborar essa constatação teórica, através da observação do funcionamento cerebral e levam à construção do conceito de “autopoïesis”, para dar conta dessa capacidade criadora. Mas, como dar conta dessa margem de autonomia e de possibilidades, a partir de metodologias de pesquisa que isolam esta ou aquela característica do humano ou a partir de disciplinas que traduzem esta mesma fragmentação do sujeito, que se desconhecem mutuamente e perpetuam assim uma visão despedaçada do humano? Há ainda um certo paradoxo em querer falar da identidade no sentido genérico e não ser capaz de fazê-lo senão por intermédio de aspectos, tais como: identidade psicológica, identidade social, identidade cultural, identidade política, identidade econômica. Assim sendo, a existencialidade acaba por desaparecer do campo reflexivo sobre o humano, precisamente porque essa dimensão do ser não é passível de fragmentação.

Ainda que a abordagem biográfica desenvolvida em situações educativas não tenha como prioridade a construção da identidade, as modalidades e objetivos de nossas pesquisas, baseadas no trabalho biográfico (construção da história escrita, Co-análise e Co-interpretação em situação de grupo), essa abordagem centrada na compreensão dos processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem, enfoca, de certa forma, a questão da identidade. Ousaríamos dizer que tal enfoque se faz a partir do interior, com pertinência ainda maior, porque abraça a globalidade da pessoa na articulação das dinâmicas psico-socioculturais, ao longo de sua vida. A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação.

Assim, o estudo dos processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem, visando à elaboração de um conceito de formação experiencial, para o qual contribuimos junto à equipe de Genebra e ao movimento internacional das histórias de vida em formação, efetua-se a partir da

#### **Educação**

construção da narração da história da formação de cada um, da narração das experiências com as quais o autor-ator aprendeu, da sua maneira de operar escolhas, de se situar em suas pertencas e de definir seus interesses, valores, aspirações. *A existencialidade é abordada por meio de uma trama totalmente original – porque singular – no seio de uma humanidade partilhada. É por isso que em nossas pesquisas com histórias de formação eu emprego freqüentemente a expressão de nossa existência singular plural.*

Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser – sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social e das situações que ele considera *formadoras e muitas vezes fundadoras*, é conceber a construção da identidade, ponta do iceberg da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes. De um lado, como uma trajetória que é feita da colocação em tensão entre heranças sucessivas e novas construções e, de outro lado, feita igualmente do posicionamento em relação dialética da aquisição de conhecimentos, de saber-fazer, de saber-pensar, de saber-ser em relação com o outro, de estratégias, de valores e de comportamentos, com os novos conhecimentos, novas competências, novo saber-fazer, novos comportamentos, novos valores que são visados através do percurso educativo escolhido.

As projeções de si que têm alimentado os momentos de reorientação são reexaminadas por sua significação no presente e pela colocação em perspectiva do futuro; explicitadas e questionadas na sua lógica de emergência. *Essas antecipações revelam a dinâmica das formas projetadas da existencialidade. Essa trajetória põe em cena um ser-sujeito às voltas com as pessoas, com os contextos e com ele-mesmo, numa tensão permanente entre os modelos possíveis de identificação com o outro (conformização) e as aspirações à diferenciação (singularização).*

A fim de que o trabalho biográfico realizado em nossas pesquisas não seja confundido e/ou reduzido a uma ação exclusivamente introspectiva, algumas observações sobre nosso cenário de pesquisa-formação permitirão precisar as modalidades de elaboração da história e do trabalho de análise dessas histórias narradas. O dispositivo-cenário parte da idéia de que a compreensão do processo de formação implica um processo de conhecimento ao longo do qual os participantes construirão sua história, a partir de uma série de etapas, alternando trabalho individual e trabalho em grupo. Assim, a reflexão sobre os processos de formação só é produtiva na medida em que os participantes investem ativamente cada etapa de trabalho neles mesmo, bem como nas interações que o grupo oferece. Nós qualificamos

#### **Educação**

esse cenário como “pesquisa-formação” porque a atividade de pesquisa contribui para a formação dos participantes no plano das aprendizagens reflexivas e interpretativas, e situa-se em seu percurso de vida como um momento de questionamento retroativo e prospectivo sobre seu(s) projeto(s) de vida e sua (s) demanda (s) de formação atual. Após um período de apresentação do tema da reflexão biográfica, os participantes são convidados a expor ao grupo o interesse que tal reflexão tem para eles, a fim de começarem a formular um projeto de conhecimento.

Vem a seguir uma fase de escuta dos narradores, organizados em grupos de três ou quatro, conforme o número total de participantes. Cada um dispõe de duas horas para apresentar as experiências de seu percurso de vida que ele considera formadoras e fundadoras, explicitando sempre em que exatamente cada uma delas foi formadora ou fundadora. Durante essas duas horas, os participantes interrogam o narrador para lhe pedir esclarecimentos sobre as situações e os acontecimentos narrados, para lhe fazer explicar mais detalhadamente aquilo que deles se extrai em termos de conhecimento de si, conhecimento sobre o meio ambiente humano e natural ou de saber-fazer. Todos os grupos biográficos constatarem que a apresentação e a escuta de histórias introduz uma dialética de identificação e de diferenciação que alimenta o questionamento sobre seu próprio percurso e, conseqüentemente, o questionamento do percurso dos outros.

Numa terceira fase, os participantes elaboram individualmente a redação de sua história. Cada participante recebe o conjunto das histórias narradas das quais ele deverá tomar conhecimento antes do início da reflexão sobre cada uma das histórias escritas. Na passagem da narração oral à escrita, os participantes constatarem as modificações na informação relatada, eles as questionam e, uma vez explicadas, procuram compreendê-las. Cada história é trabalhada visando perceber os momentos de articulação, muitas vezes fundadores, os valores que orientaram as escolhas, os registros das ciências do humano nos quais as experiências são relatadas, as dialéticas que permitem compreender as orientações gerais de uma vida, as atitudes e aprendizagens do sujeito nas situações, nos acontecimentos, nos encontros e nas atividades impostas ou escolhidas ao longo da vida.

O conjunto de aquisições acumuladas durante a vida é analisado em termos de aprendizagens e de conhecimentos que foram reagrupados em quatro categorias, segundo a teorização proposta em *Cheminer vers soi*:

- aprendizagens existenciais são constitutivas do conhecimento de si como ser psicossomático em nossas dimensões de ser no mundo, nossos registros de expressão e nossas competências genéricas transversais particulares,

#### **Educação**

- aprendizagens instrumentais reúnem os processos e procedimentos em todos os domínios da vida prática numa dada cultura e num dado momento histórico,
- aprendizagens relacionais são as aquisições de comportamentos, de estratégias de trocas e de comunicação com o outro, do saber-ser em relação consigo, com o outro e com o mundo,
- aprendizagens reflexivas permitem a construção do saber-pensar nos referenciais explicativos e compreensivos.

Os referenciais que servem para pensar e dar sentido às experiências narradas são identificáveis pelos registros de expressão da narração e do vocabulário empregado; assim, é possível constatar o subdesenvolvimento de alguns deles em benefício de outros, a existência de lacunas ou, ao contrário, da palheta completa dos registros das ciências do humano, a partir dos quais o sujeito se situa em seu meio ambiente humano e natural. Mas a compreensão que resulta do trabalho de análise e de interpretação faz emergir uma conceitualização que não pertence a nenhuma das ciências do humano e que se apresenta como uma nova perspectiva ou um novo olhar sustentado por uma *epistemologia paradoxal*, associando implicação e distanciamento do pesquisador sujeito de sua própria busca, construção de uma subjetividade autêntica por objetivação das pré-concepções ou *prêt-à-porter* do pensar e a passagem dos protocolos experimentais à experiência como modalidade de construção de conhecimentos. Esta nova perspectiva resulta de uma prática metodológica original (brevemente descrita acima) e de uma epistemologia que dá acesso de maneira concreta ao que significa a existencialidade no singular plural em movimento.

Esses *auto-retratos dinâmicos*, construídos, como se sabe, numa dialética de elaboração e de análise feita de momentos individuais e em grupo, permitem progressivamente evidenciar as dinâmicas dos processos de formação de nossa existencialidade. Uma dinâmica fundamental orienta todos os percursos. Ela nasce da confrontação entre os interesses e as lógicas individuais por um lado e, por outro, das lógicas e das pressões coletivas. Aparecem assim as potencialidades da pessoa e suas possibilidades diante das pressões de seus diferentes contextos de inserção ou de pertença simbólica. O percurso de vida se apresenta como uma longa transação ao longo da qual a pessoa age sobre seu meio ambiente, com vista a ..., ajustando-se a ele momentaneamente ou de maneira duradoura.

Três dialéticas foram até aqui identificadas como componentes dessa dinâmica fundamental:

- Singularização/conformização. As histórias relatam as diferentes formas que tomou esta dialética, desde a ligação com a família de

#### **Educação**

origem até a relação com o saber, passando pela escolha profissional, do estilo de vida, pelas formas de sociabilidade e pelos diversos engajamentos.

- Responsabilização / dependência. Nas atividades, nas relações com o outro, nas situações, o sujeito é mais ou menos parte ativa nas transações, interações e interdependências. É possível deixar-se levar pelas lógicas coletivas, assim como é possível dar a si mesmo um sentido daquilo que é feito, procurar uma independência interativa ou sujeitar-se, no plano relacional, econômico ou social.
- Interioridade / exterioridade. Numerosas biografias citam a tensão, ou mesmo um estresse vivido entre uma vida interior, feita de elementos proprioceptivos (tônus, humores, emoções, sentimentos), de sonhos, de projetos, de desejos e das imagens de si mesmo e das dos outros, que nos são devolvidas nas diversas interações que temos com eles. Nós vivemos uma dinâmica interior que vai ao encontro, com mais ou menos felicidade, das condições do nosso meio ambiente.

Assim, as transformações nas quais as pessoas se engajaram podem resultar de uma emergência interior ou ter sido provocadas pelo meio ambiente. O ser-sujeito é levado, em consequência, a gerenciar essa coexistência de lógicas de evolução e a viver, dessa maneira, uma tensão mais ou menos forte entre identidade para si e identidade para os outros.

O processo de formação que caracteriza o percurso de vida de cada um permite trazer à luz, progressivamente, o ser-sujeito da formação, vê-lo tomar forma psicossomaticamente, psicologicamente, sociologicamente, economicamente, culturalmente, politicamente, espiritualmente, numa sábia e singular teia, produzindo assim um motivo único (“peça única” nas artes visuais). A consciência de ser (ativamente ou passivamente) sujeito de sua história, através de todos os ajustes que foi preciso fazer, permite ter a medida do que está em jogo em toda a formação: a atualização do sujeito num querer e poder ser e vir-a-ser e sua objetivação nas formas socio-culturais visadas, as que já existem ou as que ele tiver que imaginar (ex.: as famílias reconstituídas).

Se o conceito de identidade serve para definir as múltiplas dimensões do “Quem sou eu?”, de maneira a situar a si-mesmo e aos outros pelo viés de um sistema de referências numa coletividade e em relação a suas próprias transformações; se, por outro lado, esse conceito é útil para designar as múltiplas maneiras pelas quais a própria idéia de identidade toma forma

#### **Educação**

na vida dos humanos, através de suas pertenças suas solidariedades, suas atividades, seus laços simbólicos ou concretos e seu “ser-no-mundo”; enfim, porque este conceito designa uma problemática que acompanha o percurso de vida, vivida numa tensão permanente entre as transformações das pressões do coletivo e a evolução dos sonhos, desejos e aspirações individuais; Então, nossa abordagem experiencial da formação existencial deve ser vista sob múltiplas facetas:

- como um processo evolutivo de integração/desintegração de saber-pensar, de conhecimentos, de representações, de valores, de comportamentos, de saber-fazer,
- como um processo de dar sentido às aprendizagens formais e informais, às experiências e aos projetos de si,
- como um processo de tomadas de consciência de si e de suas potencialidades,
- como um processo de concretização de uma intencionalidade em projetos,
- e finalmente como uma transformação permanente – e às vezes imperceptível- do si psicossomático.

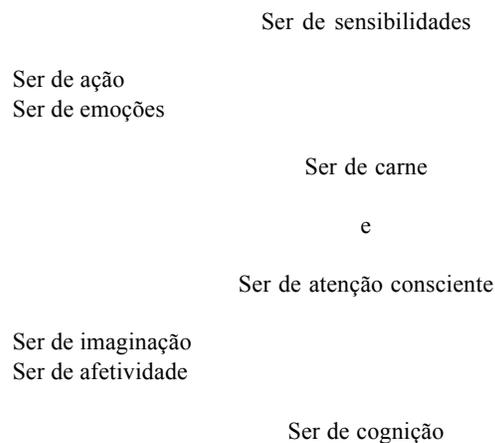
O conjunto dessas facetas do processo de formação, abordadas sob o ângulo da experiência vivida e refletida numa história escrita pelo ser-sujeito, constitui uma contribuição para *a abordagem globalizadora e dinâmica da construção de si como uma disponibilidade constante à existência e, assim sendo, uma atenção consciente ou uma escuta sensível ao que se manifesta de nossa existencialidade no tempo presente.*

Gostaria de dar aqui um exemplo dos resultados de pesquisa para ilustrar a especificidade das construções conceituais que definem os contornos da existencialidade, escolhendo um dos conceitos construídos ao longo de nossas pesquisas e que bem valoriza o caráter transdisciplinar dos conhecimentos elaborados com nossa metodologia e nossa epistemologia: O das dimensões de nosso ser no mundo. Existir é ser na vida, ser em ligação, em relação com... vem daí o conceito das dimensões de nosso ser-no-mundo.

A construção desse conceito mostrou-se necessária quando organizamos, em maio de 2000, em Crêt-Bérard (Vaud, Suíça), um simpósio sobre *o sensível na formação* a partir de nossas “histórias de vida”. Efetivamente, era-me impossível avançar na concepção desse encontro sem me questionar sobre o que as histórias trabalhadas até então (já várias centenas em 20 anos) nos ensinavam sobre o conjunto das dimensões articuladas ao sensível (ver esquema a seguir).

#### **Educação**

Eis o esquema que representa o estado atual da pesquisa:



No centro estão as duas dimensões sine qua non de nosso ser-no-mundo. O Ser de carne é ao mesmo tempo “habitação”, suporte, base, condição da manifestação das sete outras características. É por isso que todas as “malformações”, deformações momentâneas ou definitivas deste ser engendram “handicaps” mais ou menos profundos no pleno desenvolvimento de suas características. Através dele, estamos em ligação com as dimensões químicas, psíquicas e energéticas de nosso universo, mais que isso, somos parte integrante dele em sua dinâmica local e global. Nós somos, assim, parte integrante e em ligação ativa com o ecossistema terrestre pela nossa pertença biológica ao reino animal, sem falar de nossos laços com o Universo. Nossa consciência ecológica está apenas balbuciando no Ocidente (nos “povos autóctones” essa tomada de consciência parece ser constitutiva de sua visão do mundo), nós começamos a nos tornar conscientes dos laços que existem entre atividades humanas que nós desenvolvemos sem considerar seu impacto a curto, médio e longo prazo e seus prejuízos ao nosso meio ambiente natural e à nossa saúde. Inversamente, as modificações climáticas, sejam elas consecutivas ou não às atividades econômicas subdimensionadas, fragilizam nossas condições de vida e, em certos lugares do planeta, de nossa sobrevivência. Este ser de carne está muito presente nas histórias sob diferentes formas: a saúde e a doença, a maternidade e a paternidade, a filiação parental, o aspecto físico apreciado ou rejeitado (imagem de si), a sexualidade, a alimentação, o movimento através de diferentes disciplinas esportivas ou abordagens corporais, a fadiga,

#### **Educação**

etc. Poderíamos falar de uma existencialidade psicossomática na condição de não excluirmos do conceito essas facetas sociais, culturais, econômicas, históricas, espirituais, etc.

O Ser de atenção consciente é a segunda dimensão indispensável a nosso ser-no-mundo enquanto ser em transformação. Sem essa dimensão, nenhum desenvolvimento é possível, nenhuma percepção de si é possível e, portanto, nenhuma possibilidade de construção de um conhecimento de si. A qualidade dessa atenção consciente resulta de uma escolha, de um trabalho, de uma vontade perseverante, de uma disciplina. Cada cultura oferece seus caminhos para obtê-la e ajudar cada ser humano a otimizá-la no curso de sua existência. É preciso dizer que as desatenções, seja qual for o meio ambiente cultural e natural no qual vivemos, tornam-se rapidamente um perigo para nossa sobrevivência. O conselho “preste atenção a...”, com o qual pontuamos a educação de nossas crianças atesta sua importância vital. Ela é também associada à nossa capacidade de retenção dos milhares e milhares de informações que recebemos ao longo da vida e, portanto, à possibilidade de aprender no decorrer de nossa existência, relacionando algumas dessas informações. Se você pensa, procurando desesperadamente as chaves do carro, que infelizmente “esqueceu” onde as havia posto, isso pode acontecer-lhe numerosas vezes ainda, e talvez cada vez mais frequentemente. Mas se você constata que, no momento em que as colocou lá *you were not present in the place where you think you were and conscious of the gesture you made*, você se dá uma chance de controlar este tipo de situação, tomando consciência de que não houve esquecimento. Você estava presente fisicamente, mas “ausente” na consciência. Por este exemplo simples e vivido por cada um de nós, eu espero evidenciar melhor a importância da atenção consciente como presença de si-mesmo no aqui e agora, tanto em nossa ligação com o mundo exterior como em nossa interioridade física e psíquica. Estar presente para si-mesmo no tempo do que se vive constitui um trunfo suplementar, não apenas para aprender, mas também para fixar uma pista. Uma pista que nós podemos retomar num momento de revisão, de questionamento, de reflexão, de escuta do que emerge de nós. O ser de atenção consciente está no coração de nosso ser-no-mundo e de nossa capacidade de existir em relação consigo mesmo e com nosso meio ambiente humano e natural, ele “faz um só corpo”, aqui o trocadilho ajuda, com o nosso ser de carne. *É importante não confundir esta atenção consciente como atributo do ser humano com os conteúdos de consciência que tal atributo permite construir; por exemplo: as diferentes ciências do humano, os conhecimentos técnicos ou geofísicos.*

#### **Educação**

Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007

O Ser de sensibilidades é o que se apresenta como o mais próximo do ser de carne. Por meio dele se exprimem todos os sentimentos “agradáveis” ou “desagradáveis” que vivemos no cotidiano, em ligação direta com as sensações corporais que se exprimem em todas as nossas atividades com nós-mesmos e com os outros. É pela mediação de nossos cinco sentidos que nós apreendemos, em primeiro lugar nós-mesmos, depois os outros e nosso meio ambiente humano e natural. A presença informante de cada um pressupõe que nós estejamos em movimento para perceber as diferenças, como bem demonstrou Grégory Bateson; mas também que cada um desses sentidos esteja associado a uma intencionalidade: é assim que nosso olfato, nosso gosto, nosso tato, nossa audição, nossa visão e nosso movimento podem estar em função sem que prestemos atenção às informações que deles podemos extrair. Penso no belo conselho do escritor José Saramago em seu *Ensaio sobre a cegueira*: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. O Ser de atenção consciente entra em cena neste momento. Sem essa atenção consciente, mobilizada por uma intencionalidade mas também pelo desejo de..., como uma das manifestações do Ser de afetividade, nós estamos em perigo ou incapazes de desenvolver uma escuta e um conhecimento de nós-mesmos, dos outros e de nosso meio ambiente humano e natural. Graças a essa atenção consciente, orientada pela nossa intencionalidade e nossos desejos, podemos estar em contato com os impactos de nossos sentidos sobre nosso ser de carne e, certamente, sobre os efeitos em cadeia que eles acarretam em termos de emoção, de imaginação, de cognição, de ação. No trabalho biográfico, antes mesmo de abordar as idéias que estruturam nossa compreensão de nós-mesmos, dos outros, dos acontecimentos que teremos que viver, é preciso passar pela colocação em evidência das sensibilidades subjacentes a nossos julgamentos e a nossas reações. Nossa primeira percepção do mundo e de si-mesmo passa pela consciência de nossas percepções sensíveis, conjuntamente ou separadamente segundo as circunstâncias, mas sempre num movimento, ou seja, numa atividade.

O Ser de emoções está diretamente ligado ao Ser de sensibilidades, em estado desperto, bem entendido. Mas ele é também mobilizado pelos impactos do Ser de afetividade, do Ser cognitivo e do Ser de imaginação. A inscrição corporal das emoções não impede que elas estejam permeadas por dimensões menos carnis. Evidentemente, nosso limiar de sensibilidade ao barulho provoca irritação, inclusive ira, assim como uma refeição do nosso gosto provoca prazer e alegria, mas nós podemos também irritar-nos com idéias, com a tristeza de constatar a negação de alguns de nossos valores, ficar felizes por havermos conseguido caminhar em altitude ou por havermos passado um belo dia na praia, irados de ver uma paisagem amada ser

#### **Educação**

destruída por um complexo turístico, encantados com uma peça de teatro, um concerto ou uma exposição, desapontados com um resultado num concurso qualquer, etc. Quem é que não constatou, aliás, o caráter às vezes “contagioso” das emoções que acarreta reações simétricas, origem de numerosas dificuldades relacionais? Nossa existencialidade emocional, como nossa existencialidade sensível, são dimensões que pouco se levam em conta nos projetos educativos parentais e sociais das sociedades ocidentais.

O Ser de afetividade nos faz entrar no universo dos laços construídos, mantidos ou rompidos, em torno dos valores que nós interiorizamos não conscientemente, ou que escolhemos após uma reflexão. Ele pode tomar diversas formas: o ser dos envolvimento, o ser que deseja, o ser dos ideais, o ser dos compromissos, o ser dos sentimentos, o ser de vontade e de perseverança. Eu ousaria dizer que a *tonalidade* das histórias é, em geral, dada por este ser de afetividade ligado ao ser das emoções. No entanto, o ser de afetividade está também intimamente associado ao Ser de cognição. De fato, todo valor implica uma capacidade de classificação, de comparação, de avaliação das vantagens e inconvenientes, de contextualização, etc.. Assim como o ser das emoções, o ser de afetividade produz efeitos mais ou menos apreciados sobre nosso ser de carne. A medicina psicossomática, a somato-psicopedagogia, a sofrologia são formas de reconhecimento, entre outras, desses impactos recíprocos que, apesar das interpretações mais ou menos satisfatórias, continuam bem difíceis de identificar com precisão, em que pesem os belos avanços atestados pela literatura originada dessas práticas.

O Ser de cognição nos leva a abordar outras formas de laços e de manifestação de nossa existencialidade. Pela aquisição da linguagem, o desenvolvimento das inteligências, a aquisição de estratégias de pensar e dos diversos conhecimentos das ciências do humano e da natureza, nós entramos numa “gramática” dos laços possíveis ou impossíveis no contexto de uma epistemologia, seja ela de uma disciplina do pensamento e da ação ou de uma lógica cultural organizada a partir de uma visão do mundo. É por isso que chamamos a atenção dos participantes para nossos trabalhos “Histórias de vida em formação” *sobre a necessária tomada de consciência e de consideração de que toda história contada é, por definição, interpretativa e que uma grande parte de nosso trabalho de análise consistirá em desvelar as pré-interpretações contidas nas suas “descrições dos fatos” da vida. Entra aqui um aspecto pouco desenvolvido dos componentes de nossa ação. Certas pessoas estão convencidas de que, tendo acesso explicitamente às pré-interpretações, pré-concepções, preconceitos, nós conseguimos atingir a subjetividade do autor. Ora, nós atingimos*

#### **Educação**

*o que há de menos pessoal e, portanto, de menos subjetivo no sentido próprio do termo. Nós atingimos a dimensão mais sociológica e antropológica (dimensão cultural) do pensar. Gostaria de insistir na idéia e no fato de que a subjetividade é uma conquista que exige precisamente um despojamento dessas camadas de verniz, sociais e culturais, que nos fazem acreditar que pensamos por nós mesmos.*

O Ser de cognição é, bem entendido, totalmente solicitado num trabalho que vise analisar, compreender e interpretar os processos de formação e de conhecimento que fazem parte da vida contada. Ele é, por assim dizer, convocado a criar laços onde ainda não existiam, a desatar os nós de acontecimentos bem “atados” pelas interpretações feitas há mais ou menos tempo, a procurar fios condutores. *A narração escrita e o trabalho sobre as narrações evidenciam, num mesmo movimento, os recursos do Ser de cognição e as origens de seus recursos.* É importante notar que, nas narrações, o Ser de cognição não se manifesta exclusivamente sob a forma de um ser “racional”, no sentido científico do termo. Os referenciais utilizados para alimentar o conhecimento de si, dos outros e do meio ambiente humano e natural baseiam-se em todo tipo de tradição de conhecimento, muitos dos quais, ainda que façam rir certos leitores ou ouvintes, não deixam de se constituir em recursos que fazem sentido para os narradores.

O trabalho biográfico não deve julgar o valor do sentido construído, nele introduzindo uma hierarquia que considere, por um lado, o sentido baseado em laços estabelecidos entre teorias socialmente validadas e realidades levadas em consideração e, por outro, o sentido que é baseado em simbolizações poéticas nascidas do Ser de imaginação (A teoria como ficção...).

Com a conjunção que acaba de ser feita entre cognição e imaginação, já iniciamos a evocação do Ser de imaginação e dos tipos de laços que lhe são mais especificamente ligados. Numerosas narrações abordam a importância das obras artísticas (música, letras, artes plásticas, artes decorativas, dança, etc.), essas realidades imaginárias e, no entanto, bem concretas, como alimento de vida interior, fontes de referência para simbolizar situações, acontecimentos impossíveis de verbalizar, descobertas de outros universos possíveis; uma busca e uma construção de laços, de convências que também permitam outros olhares sobre si, permitam descobrir em si outras potencialidades, sentir-se ligado em sua humanidade a seres desconhecidos, portadores de sensibilidades vizinhas ou totalmente “estrangeiras”, utilizar essas/suas produções artísticas como mediação para falar de si e de sua visão do mundo, etc.. *É preciso colocar aqui toda a vida onírica, em estado de sono ou em “sonho acordado”, cuja linguagem, muitas vezes*

#### **Educação**

*misteriosa na primeira abordagem, remete à faculdade da imaginação em criar símbolos que nos “falam” noturnamente...* Enfim, este Ser de imaginação manifesta-se em sonhos e projetos que já serviram de marcos para orientar a existência ou que permitem formular outros novos. Através dessas duas últimas formas, nós já estamos articulando o Ser de imaginação com o Ser de ação, já que não poderia haver ação sem um mínimo de antecipação e de projeções.

O Ser de ação corporal é sem dúvida a dimensão de nosso ser-no-mundo que permite tornar tangíveis com mais evidência as formas de laços e de realizações que ele envolve, é a existencialidade em suas facetas aparentes, visíveis. A inscrição necessariamente material da ação corporal mostra que a ação só é pensável em interação social, seja através de outras pessoas implicadas pela própria ação, seja pela mobilização de meios técnicos, de objetos e de materiais diversos, seja finalmente nos laços conscientemente criados consigo-mesmo para mobilizar os recursos interiores, a energia, a coragem, a vontade. O Ser de ação corporal combina, mobiliza, põe em ação todas as outras dimensões do ser, a fim de se completar em seu movimento, em seu deslocamento, em sua transformação desejada, de tal maneira que esse movimento, esse deslocamento, essa transformação, levem à sua melhor finalização, ao melhor resultado possível. Como se diz de uma obra artística ou literária, musical ou plástica, que ela está pronta, completa.

Após essa rápida ilustração de nossas identidades existenciais, por meio de um dos conceitos construídos ao longo de nossas pesquisas biográficas, podemos concluir as propostas de reflexão sobre a temática da existencialidade no singular plural.

Favorecendo o conhecimento de si em todos nossos registros, nossas dimensões, nossas facetas, a prática de pesquisa utilizando a metodologia “Histórias de vida em formação” (tal como está brevemente apresentada mais acima neste texto), privilegia a atenção à maneira como cada pessoa utiliza sua margem de liberdade e sua capacidade criadora que evocávamos no começo deste texto. A auto-orientação de si, subproduto de nossa criatividade (a invenção de si), torna-se uma tomada de poder sobre a maneira como cada individualidade pode descobrir sua singularidade, cultivá-la, inscrevendo-se num continuum sociocultural, isto é, numa história coletiva. Essa capacidade criadora, associada às outras dimensões de nosso ser humano, apresenta-se como um objetivo educativo maior que só pode enriquecer nossas tradições educativas de transmissão e de conformização, que têm seu valor específico. *Ela aparece como particularmente adequada, num período histórico em que as mudanças políticas, econômicas, culturais e ecológicas acarretam uma implosão dos referenciais, dos*

#### **Educação**

*valores e das pertencas conhecidos e impõem a busca de novas coerências existenciais abertas ao intercultural.*

As práticas de reflexão sobre si, que oferecem *as histórias de vida escritas* centradas sobre a formação, comumente *se apresentam como laboratórios de compreensão de nossa aprendizagem do ofício de viver num mundo móvel, globalmente não-dominado e, no entanto, parcialmente dominável na medida das individualidades, que se faz e se desfaz sem cessar e que põe em cheque a crença em uma “identidade adquirida”, em benefício de uma existencialidade sempre em obra, sempre em construção.*

Mais globalmente ainda, enquanto o essencial das ciências do humano observa a identidade no que ela deixa ver depois de constituída e suas incidências num conjunto de situações (*identidade para os outros*), o conceito de formação trabalhado pela mediação da reflexão sobre a história de vida permite evidenciar *a intimidade de uma construção; valorizando uma concepção singular e, ao mesmo tempo, socioculturalmente marcada de identidade para si.* Mas não se pode perder de vista nesta identidade para si que não há individualidade sem ancoragens coletivas (família, pertencas e grupos diversos, sobre os quais todos e cada um tem uma história!).

Por essa razão, gostaria de ilustrar de maneira muito concreta essa dimensão do singular plural que dá a nossas metodologias reflexivas, interativas, co-interpretativas em olhares cruzados um status particular na construção de saberes sobre as dinâmicas, recursos, estados evolutivos, dos seres humanos ao longo de sua existência e sobretudo o relato discursivo, ele mesmo evolutivo, que as pessoas engajadas em nossos seminários mantêm com os acontecimentos que elas acreditam serem constitutivos e criadores de sua existência.

*É por meio da evocação de alguns momentos de transição e experiências criadoras de meu percurso de vida que darei os eixos principais do enquadramento epistemológico que sustenta a noção de identidade para si evolutiva, inevitavelmente ligada ao conceito de invenção de si no singular plural<sup>3</sup>, e que eu explicitarei meu ponto de vista sobre o paradigma do singular plural. Eu espero mostrar uma vez mais, por uma opção de escrita biográfica, a fecundidade do paradigma do singular plural, associado ao paradigma do experiencial, pelo viés da abordagem biográfica.*

Um primeiro momento faz referência à minha alegria de poder ligar, integrar, articular em minha tese de doutorado (O sujeito em formação, 1988, publicada com o título *Cheminer vers soi (Caminhar para si)*, em sua primeira edição, em 1991) e, desde então, em todas minhas práticas e publicações, minha formação de base em antropologia cultural, em sociologia do conhecimento, com os conhecimentos acumulados em outras

### **Educação**

disciplinas das ciências do humano, em particular da psicologia analítica, da psicossociologia, da educação e da filosofia.

Que a abordagem biográfica como suporte empírico para a reflexão compreensiva da formação de si como sujeito tenha exigido uma “multirreferencialidade”, dava-me enfim o sentimento de que o saber universitário podia, por esse viés, sair de sua Torre de Babel, fazer sentido para o cidadão comum e ser para ele um saber de uso quotidiano (eu pertencço à geração de 68 da França).

Minha vida na África do oeste havia me ensinado, ainda jovem, que as histórias de vida dos velhos eram as únicas fontes de memórias, individuais e coletivas; o “griot”<sup>24</sup> que eu me tornava, fazendo-me porta voz, pela restituição da compreensão da singularidade de cada ser, do itinerário das formações que o ajudam a viver sua humanidade, esse papel de “griot” e de exploradora de um território ignorado em educação convinha perfeitamente a minha sensibilidade intelectual e humana. Com as histórias de vida, o humano e a humanidade faziam um só corpo, o concreto singular dava vida, informava e abria novas perspectivas ao “pensar geral, abstrato” e às correlações estatísticas que caracterizam minha formação universitária.

Assim caminhando em minhas construções teóricas, acabei por nomear o tipo de trabalho biográfico efetuado com as especificidades de minha metodologia como sendo sustentado, não somente pelo paradigma do experiencial, mas igualmente pelo paradigma do singular plural, oxímoro que exprime muitas tensões dialéticas nas quais a vida toma vida, se inventa e, graças a essa invenção, se perpetua. Esse paradigma é tão poderoso e fecundo que o desenvolvimento das atividades na Internet evidencia quase quotidianamente, sob novas formas, como esse paradigma não representa apenas uma simples invenção intelectual, mas constitui uma tomada de consciência nova para apreender, numa mesma coerência conceitual, práticas quotidianas como as páginas pessoais, os blogs, os álbuns de fotos *on line*, os diários íntimos, as produções literárias e visuais diversas, para mencionar apenas alguns exemplos.

Esse paradigma do singular plural, assim como o do experiencial, da complexidade e o paradigma sistêmico, não pertence a nenhuma disciplina em particular, apesar de cada uma tentar apropriar-se dele, ignorando a contribuição das outras, e acredito que ele deva ser considerado como um dos componentes dessa famosa perspectiva transdisciplinar, cuja idéia circula há bastante tempo, mas que ainda necessita de embasamento teórico suficiente por um lado e, por outro, de um tratamento suficientemente liberado das convenções e reduções ligadas ao “politicamente correto” e ao “epistemologicamente correto”, para desenvolver o trabalho de integração

#### **Educação**

e de transcendência das disciplinas herdadas do século XIX. Pois, nas universidades, não é somente a concepção do saber recortado em disciplinas que data do século XIX, mas também toda a concepção das carreiras dos pesquisadores, de seus itinerários de formação e das modalidades de reconhecimento do valor de seus trabalhos.

Um outro momento muito significativo para mim, porque criador, é constituído pela ligação entre minha atividade artística e minhas atividades biográficas profissionais. Não fiz essa ligação a priori: depus a primeira pedra de minha tese de doutorado em 1983 e já havia começado a pintar assiduamente em 1975, tendo sido aceita como pintora profissional em Visarte (associação dos pintores, escultores e arquitetos suíços) em 1980. Uma feliz sincronia fez com que, no mês de minha defesa de tese, eu participasse de uma exposição coletiva, impondo um tríptico de grande formato que foi criado especialmente para essa exposição. Esse tríptico foi nomeado Antes da realização e fecha um período pictural chamado As viagens de Élodie.

Esse enfoque temporal de minhas duas atividades profissionais, por ocasião de duas exposições de si simultâneas, fez-me tomar consciência de que minha obra pictural inscrevia-se totalmente numa perspectiva biográfica, mesmo não aparente à primeira vista, sob o ângulo da tomada de consciência efetuada sobre três períodos de minha vida (Duas ou três coisas que eu sei dela- a vida; Se soubesse, não teria vindo; As viagens de Élodie) e que minhas pesquisas universitárias tinham lugar num processo de formação e de conhecimento que integrava minhas pesquisas picturais.

Uma nova consciência de si, de um si mais unificado, inventado por necessidade de coerência interior, emergiu graças à formatação em suportes específicos (imagens e palavras) e dessa nova consciência de si nasceu uma invenção identitária que também se chamava na época o ato de dar sentido à vida. Assim, o trabalho biográfico permitia criar um discurso que, ao fazer-se, inventava a parte original de minha identidade de pesquisadora profissional, alimentava outras atividades, tais como meu trabalho pictural e me ajudava ainda a inventar a especificidade de minha identidade de artista profissional. Finalmente, no plano existencial, essa tomada de consciência deu-me um horizonte de vida, marcado pela integração de pontos de vista e de práticas socialmente disjuntas.

*Assim sendo, o trabalho biográfico e autobiográfico situa-se no entrelaçamento de um destino sociologicamente, culturalmente e historicamente previsível, de uma memória personalizada desse destino potencial e de um imaginário sensível original capaz de seduzir, de tocar emocionalmente, de falar, de interpelar outras consciências ou ainda de convencer racionalmente.*

#### **Educação**

É por isso que, em minha tese de doutorado, já consta essa idéia de que a narração da vida é uma ficção, certamente baseada em fatos reais, e que *é essa narração ficcional que permitirá, se a pessoa for capaz de correr tal risco, a invenção de um si autêntico*. Sem esquecer que a invenção de si necessita, não somente de um discurso sobre si, mas de projetos de si. De fato, a história de formação só é possível como processo de conhecimento de um sujeito que postula e, portanto, imagina poder vir a ser esse sujeito plenamente. Assim, é preciso poder imaginar ser – e tornar-se efetivamente –, tanto único porque singular como reconhecível porque socialmente identificável. Dito de outra maneira, no exemplo dado aqui: pesquisadora e artista, mas esta pesquisadora e esta artista.

O estabelecimento de uma ligação explícita e tangível entre atividade artística e atividade de pesquisa e de formação exprimiou-se na escolha deliberada de apresentar, num colóquio internacional da Universidade de Rennes, em 2 de setembro de 1988, uma palestra sobre As dimensões formadoras da escrita da narração de sua história de vida, do estranhamento do outro ao estranhamento de si e uma exposição de colagem biográfica, composta de 9 quadros (50x70cm), intitulada *Fragmentos de memória à procura de sentido*, compostos a partir de fotos e imagens extraídas de meus arquivos pessoais.

A temática do colóquio, Dinâmicas da Linguagem e Histórias de Vida, incitava-me a prosseguir na integração de minhas duas atividades, trabalhando na seleção de imagens e de fotos biograficamente significativas, para tentar uma escrita inédita da história de minha vida em 9 quadros e trabalhando na composição pictural, para que ela desse conta da dinâmica biográfica em jogo em cada quadro. Esse exercício estimulante ocupou-me durante seis meses inteiros e foi realizado em condições nem sempre satisfatórias para o artista, quanto à qualidade das reproduções dos originais em fac-símiles e ao tempo à disposição para melhor pensar sobre as relações, por exemplo, entre o preto e o branco e as cores, ou ainda as proporções das imagens entre elas sobre um mesmo quadro ou entre os quadros.

Essa experiência foi extremamente rica porque levantava uma enormidade de questões e concretizava publicamente ensaios muitas vezes feitos com meus estudantes nos meus seminários anuais na universidade e em contextos profissionais diversos. Introduzo aqui, antes de tudo, a problemática dos momentos biográficos *escolhidos como significativos e a da interpretação, que participam diretamente da invenção de si*. Pois, se a invenção de si é possível, é também e sobretudo porque os sinais, as marcas, os símbolos que devem representar o autor em sua dinâmica global ou numa das dimensões de seu ser no mundo são polissêmicos. Aliás, como

#### **Educação**

sabemos que “o mapa não é o território”, essa polissemia nos leva a partir em busca de nossos seres-no-mundo potenciais e, da mesma maneira, a nos inventarmos através de nossos projetos. É assim que nossos fragmentos de memória individual e coletiva se transmutam em recursos, em fertilizantes, em inspiração para que nosso imaginário de nós-mesmos possa inventar essa indispensável continuidade entre o presente e o futuro, graças a um olhar retrospectivo sobre nós-mesmos. Não será demais comentar que o trabalho biográfico não é repetir histórias do passado, mas sua retomada parcial, na colocação em perspectiva do presente e do futuro, graças a esse olhar retrospectivo, por um lado e, por outro, devido ao fato de que cada acontecimento ou contexto singular remete imediatamente a referenciais coletivos (socioculturais e sócio-históricos), estejamos ou não conscientes disso.

Finalmente, o simpósio da ASIHVIF em 2000, sobre o tema “O sensível em formação”, em Crêt-Bérard (Vaud-Suisse), que idealizamos e organizamos com nossos colegas do GRAPA (Grupo Universitário de Pesquisa sobre os Adultos e seus Processos de Aprendizagem, criado na Faculdade no começo dos anos 80, com meu colega Pierre Dominice), dava a esse laço individualmente construído seu desdobramento completo, graças à pluralidade das contribuições e à sinergia das sensibilidades presentes. O sensível como parte integrante de nosso processo de formação e de conhecimento foi abordado pelo viés do cinema, com um filme autobiográfico do cineasta do Québec Michel Moreau, uma peça de teatro ligada às biografias dos atores (*Os perdedores magníficos*), a dança com um grupo fora do comum sobre o tema da emergência da humanidade, a praça da música com a presença do pianista Roland Vuataz, igualmente diretor do conservatório popular de música, e finalmente os laços entre o artista, sua vida e sua pintura, na presença do pintor Gilbert Mazliah, professor da Escola de Belas Artes.

Levando em conta as diferentes formas do sensível em nossa formação, é possível fazer emergir dimensões escondidas de si que redinamizam o projeto de si porque recompõem os recursos e a coerência pessoal. Podemos também projetar-nos, identificar-nos e introjectar aspectos daquilo que o sensível nos convida a ver, a sentir, a pensar, a fazer, etc.. Há ainda uma dinamização e uma invenção de si em novas perspectivas e em novas formas; a arte torna-se, assim, uma das vias do conhecimento. Essas formas do sensível são a melhor ilustração possível do paradigma do singular plural. De fato, elas são uma maneira de dar vida e de dar forma a uma sensibilidade ou sensibilidades – quando se trata de criações coletivas – maneira essa que articula o potencial mais original com uma forma coletivamente reconhecível, ocupando um lugar na continuidade histórica. A pluralidade das interpretações revela-se aqui em toda sua amplitude, uma

#### **Educação**

polissemia que novamente permite, cria, suscita um convite à invenção de uma significação nova. Penso, por exemplo, nas retomadas periódicas de Antígona, nas retomadas picturais de um Francis Bacon ou de um Picasso, nas interpretações musicais ou mesmo nas transcrições instrumentais.

A invenção de si pressupõe imaginável e possível um projeto de si, o que implica conquista progressiva e sempre em vir-a-ser de uma autonomia de ação, de uma autonomia de pensamento, de uma autonomia em nossas escolhas de vida e em nosso modo de vida. Pois, finalmente, a invenção de si pode tornar-se uma das formas tomadas pela posição existencial da intencionalidade, que se desdobra no cotidiano e não somente em situações ou contextos particulares. Ela diz respeito a todas as esferas de nossa existência, desde as roupas que escolhemos usar até os pratos que inventamos, passando pela organização de nosso horário de férias e a escolha do lugar, a escolha de nossas leituras, dos filmes, das exposições, etc.. Todas essas pequenas liberdades que se inscrevem certamente em pressões subjacentes como as finanças à disposição, as negociações familiares, as ofertas de alojamento, de lazer, de atividades culturais são igualmente marcadores da invenção de si no singular plural.

Essa invenção de si no singular plural tem contudo um custo que nós nem sempre estamos prontos para pagar. É por isso que podemos viver durante períodos mais ou menos longos com aquisições de todo tipo, projetos estáticos ou veleidosos, itinerários já balizados, reduções sociais aceitas de mais ou menos boa vontade, com complexos psíquicos que não chegamos a descobrir. *Sem um trabalho especificamente centrado nas tomadas de consciência de nossas idéias, nossas crenças, nossas convicções, etc., para as quais o trabalho biográfico sobre as histórias narradas de formação é uma das vias possíveis, nós continuaremos profundamente prisioneiros de nossos destinos socioculturais e socio-históricos.* A invenção de si no singular plural implica então vigilância, vontade e perseverança para que sejamos seres vivos em transformação e não seres vivos em prorrogação. A tarefa é ainda mais delicada porque me parece que vivemos o ápice do processo de mutação e que, conseqüentemente, as tentativas de novas formas de solidariedade e de vida comunitária são ainda muito instáveis. A globalização e as misturas culturais estão se produzindo em grande escala e não podemos ver distintamente o que resultará desse processo de mestiçagem. Pois somos tão capazes de dar um salto qualitativo singular e plural, como de impedir a exploração de nossas potencialidades de humanos e morrer disso.

Assim, quanto mais o paradigma do singular plural se tornava evidente, através de uma leitura de meu próprio itinerário, confrontada aos

#### **Educação**

saberes construídos a partir das narrações escritas de formação, mais a invenção de si, individual e coletiva, se impôs como um dos benefícios potenciais de um trabalho hermenêutico criativo, ou seja, de uma práxis biográfica formadora e, por isso mesmo, transformadora. Bem entendido, as abordagens biográficas em pesquisa e em educação não podem ser a panacéia universal, elas se apresentam como *uma via de conhecimento* que enriquece o repertório epistemológico, metodológico e conceitual dos educadores, terapeutas e outros profissionais da relação e das transações sociais (como a mediação, por exemplo). Ela enriquece também nosso repertório de “pessoas comuns”, permitindo-nos desenvolver uma consciência do si individual e coletivo mais sutil.

### REFERÊNCIAS

- BERGER, Ève. **La somato-psychopédagogie ou comment se former à l'intelligence du corps**. Paris: Éditions Point d'Appui, 2006.
- BERGER-LUCKMANN. **La construction sociale de la réalité**. Paris: Méridiens/Klinshiem, 1986.
- BOIS, Danis. **Le moi renouvelé**. Paris: Éditions Point d'Appui, 2006.
- DOMINICE, Pierre. **L'histoire de vie comme processus de formation**. Paris: L'Harmattan, 1990.
- FABRE, Michel. **Penser la formation**. Paris: PUF, 1994.
- HONORÉ, Bernard. **Vers l'œuvre de formation, L'ouverture à l'existence**. Paris: L'Harmattan, 1992.
- \_\_\_\_\_. **L'épreuve de l'existence, essai sur l'angoisse, l'espoir et la joie**. Paris: L'Harmattan, 2005.
- JOSSO, M-Christine. **Cheminer vers soi**. Paris et Lausanne: L'Age d'Homme, 1997 (1. éd. 1990).
- \_\_\_\_\_. **La formation au cœur des récits de vie: expériences et savoirs universitaires**, (sous la direction de M-Ch. Josso) réunissant des contributions européennes, brésiliennes et québécoises ainsi qu'une bibliographie exhaustive en langue française en l'an 2000. Paris: L'Harmattan, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Experiências de vida e formação**. Prefácio de António Nóvoa, tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. Lisboa: Editora Educa-Formação/Universidade de Lisboa, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Experiências de vida e formação**. Préface à l'édition brésilienne de Cecilia Warschauer, adaptation et révision pour le Brésil de Cecilia Warschauer. São Paulo: Cortez, 2004.

### Educação

HONORÉ, Bernard. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos socioculturais e projetos de vida na invenção de si. In: SOUSA, Elizeu Clementino de; ABRAÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Prefácio de M.-Christine Josso. Porto Alegre: EDUNEB-EDIPUCS, 2006. p. 21-40.

\_\_\_\_\_. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 373-383, maio/ago. 2006.

PINEAU, Gaston. **Produire sa vie**. Paris: Edilig, 1983.

PINEAU Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **L'histoire de vie. Que sais-je?** Paris: 1994.

---

<sup>1</sup> Nota da tradutora: O termo “ciências do humano”, várias vezes empregado neste trabalho, refere-se às ciências que tratam das diferentes dimensões do ser humano. A autora o adota para substituir a denominação usual “ciências humanas” que, de seu ponto de vista, é inadequado; uma vez que todas as ciências são concebidas e criadas pelo homem, não há ciências não-humanas.

<sup>2</sup> Ver Josso, 2006. Um texto escrito e traduzido para o português do Brasil que desenvolve mais teoricamente esse paradigma do singular plural.

<sup>3</sup> Nota da tradutora: Na África negra, espécie de poeta ou músico ambulante que canta as histórias da vida do grupo e/ou de uma família.